AR(TL 659

GENOCÍDIO EM TIMOR-LESTE COM A AJUDA DO OCIDENTE

Klemens Ludwig

Timor-Leste permaneceu durante 16 anos uma folha em branco para a comunidade internacional. Quer os relatos comoventes da parte dos poucos refugiados sobre os horrores da Indonésia, quer mesmo as cartas, que poderiam saír do país por meio de contra bando, documentando tais situações, conseguiram atrair qualquer tipo de interesse juntos dos média ou dos políticos. Esforços por parte de Portugal, em colocar a questão de Timor-Leste na ordem do dia internacional, sobretudo depois da adesão à CEE em 1986, não chegaram a ter qualquer resultado. Para a Indonésia o bloqueio de metade da ilha valia a pena; dada as poucas testemunhas oculares, os timorenses morriam despercebidamente. Muit os governos, sobretudo na Europa Ocidental, da Austrália e dos Estados Unidos não se queriam dar conta do que se estava a passar em Timor-Leste.

A 12 de Novembro de 1991, algumas centenas de pessoas concentravam-se na capital Dilí numa marcha fúnebre a lembrar dois jovens assassinados. O cortejo passava pelo palácio do governador e pelo quartel-geral da polícia e ia até ao cemitério de Santa-Cruz. À tristeza juntava-se ódio e indignação sobre o arbitrarismo por parte do governo indonésio. Expressava-se de viva voz a retirada dos soldados, mas as pessoas permaneceriam pacivas. Quando a marcha fúnebre atinge a entrada do cemitério, ergue-se uma fileira de soldados indonésios fortemente armados. Ouvem-se tiros; espalha-se o pânico. As pessoas tentam salvar-se através do estreito portão do cemitério, este transforma-se numa cilada mortal. Os soldados perseguem as pessoas em fuga no cemitério, atirando sobre elas; para muitas não há salvação.

Menina de Timor

Uma comissão portuguesa independente de inquérito apurava meses depois, com base em relatos de testemunhas oculares, 273 mortos, 255 desaparecidos e 376 feridos. Este massacre fazia com que as atenções internacionais se virassem para as ocorrências em Timor-Leste, pois estas verificavam-se diante os olhos da comunidade internacional. Uma equipa de filmagens da estação televisiva britânica de Yorkshire encontrava-se no cemitério, sem que os soldados tivessem dado por isso, documentando sob risco de vida os acontecimentos. Depois ninguém mais podia afirmar, que não havia informações seguras sobre o Timor-Leste, mesmo que o governo indonésio tenha tentado atribuir as culpas às vítimas, afirmando que elas tinham provocado os soldados.

Descolonização tardia

A tragédia de Timor-Leste começou com a sua descolonização. a pós 450 anos de colonialismo, aquando da revolução dos cravos, o governo democrático português em Lisboa preparava a despedida das suas colónias. Surgem então três partidos em Timor-Leste. A Fretilin / Frente revolucionária para a independência de Timor-Leste), exigindo a soberania completa depois de um período transitório de cinco anos: a UDT (União Democrática de Timor), pretendendo o colonialismo, uma associação com Portugal, e a Apodeti (Associação Popular de Timorenses) pedindo a integração de Timor-Leste na Indonésia. As eleições para o conselho de aldeia dos anciãos, em Maio de 1975 refletiam o poder de forças existente entre os partidos.A Fretilin auferia 55% de votos, os candidatos da UDT 40%, e ao partido indonésio restariam

escassos cinco por cento. Os derrotados não aceitavam o resultado, e tentavam três meses mais tarde, neutralizar a Fretrilin através de um golpe-de-estado. A tentativa falhava e a Fretilin impunha-se mediante uma guerra civil. Desde Setembro de 1975 que a administração da península se encontrava nas mãos da Fretilin, pois com a eclosão da guerra civil a administração portuguesa abandonaria a capital. Apesar da Fretilin ter pedido inúmeras vezes o regresso de Lisboa a Timor-Leste, para concluir legalmentre o processo de descolonização, o país, em virtude da desagregação política interna, não se encontrava capaz para tal. Portugal nunca fez muito pelo desenvolvimento de Timor-Leste. Os poucos recursos, tais como o sândalo, estava quase esgotado. A indeferença portuguesa deixaria contudo intactas as estruturas tradicionais; só nas regiões costeiras padres dominicanos difundiam o ideário cristão do Ocidente.

No interior do país, onde habitava mais de três terços da população, funcionava uma economia de auto-subsistência. Ninguém passava fome, as pessoas tinham as suas próprias estruturas sociais e a sua própria religião, que lhes dava a justificação do seu lugar no Universo. A Fretilin tentava estabelecer uma ligação a estas tradições. Ela organizou por exemplo um programa de alfabetização na língua corrente Tetum. "Médicos descalços" implementavam melhores cuidados médicos. Testemunhas oculares australianas, entre as quais representantes da Igreja, das organizações humanitária e da política, poderam viajar livremente pelo país e fazer um ponto da situação. Em consenso geral davam importância aos esforços de desenvolvimento por parte da Fretilin. Um representante do partido liberal conservador (inglês) por exemplo, que integrava uma delegação parlamentar, caracterizava a Fretilin como " um governo responsável e moderado com largo apoio por parte do povo".

Desde o início os soldados agiam com grande brutalidade, tal como documentavam emissões de rádio, recebidas na Austrália: "Por favor ajudem-nos. Matam mulheres e crianças nas ruas. Matam, sem olhar a diferenças. Levam as pessoas refugiadas nas Igrejas para a rua. Todos nós somos assassinados! SOS! Façam alguma coisa. Ajudem-nos...!" Assim soava a última emissão da capital Díli.

Cai a cortina de Bambu

Já não restava muito tempo ao movimento de independência. A poderosa vizinha Indonésia, não aceitava o desenvolvimento pacífico e preparava abertamente uma invasão. Para evitar tal acção, a Fretilin proclava a 28.11.1975 a "República Democrática de Timor-Leste" e fazia o seu pedido de adesão às Nações Unidas. Nem mesmo este passo conseguia pôr temo à maquinaria guerreira da Indonésia. A argumentação da Indonésia, em não querer tolerar mais uma "Cuba pacífica" às suas portas, constituia o motivo de uma invasão em grande escala a 7 de Dezembro 1975.

Desde o início os soldados agiam com grande brutalidade, tal como documentavam emissões de rádio, recebidas na Australia: "Por favor ajudem-nos. Matam mulheres e crianças nas ruas. Matam, sem olhar a diferenças. Levam as pessoas refugiadas nas Igrejas para a rua. Todos nós somos assassinados! SOS! Façam alguma coisa. Ajudem-nos...!" Assim soava a última emissão da capital Díli.

No interior do país a movimentação de independência conseguia afirmar-se por mais algum tempo. Em face do bloqueio total da ilha, da destruição das sementeiras e da fome daí resultante, a Indonésia conseguia dominar o território ao fim de quatro anos. Cerca de 200.000 dos escassos 700.000 habitantes de então pagariam a invasão com a morte.

Diplomacia Internacional

No que toca a uma solução do problema, - que não deve constituir o aniquilamento da população timorense -, é a Portugal que cabe um papel determinante. Até à data a UNO ainda não reconheceu a invasão, considerando a antiga potência colonial como responsável

legal pela administração. Como já foi referido, depois de anos de indeferência, verificar-se-iam algumas transformações com a adesão de Portugala CEE. Diante o Parlamento Europeu em Estrasburgo, já Mário Soares destacava a questão de Timor-Leste, no seu discurso de tomada de posse, provocando largos protestos em Jacarta.

Em Outubro de 1982 Timor-Leste estaria pela última vez na ordem do dia da sessão plenária da Nações Unidas. Naquela altura, uma escassa maioria de 54:50 condenava a invasão a par de 50 absten-ções. Simultaniamente o Secretário -Geral das Nações Unidas de então, Perez de Cuellar, seria incumbido com o mandato especial de solucionar a crise. Iniciaria em seguida negociações directas entre a Indonésia e Portugal, ambas as partes envolvidas no conflito. Por pressões da Indonésia os representantes de Timor-Leste eram excluídos. As negociações não iriam trazer quaisquer resultados substanciais; aparentemente a Indonésia pretendia ganhar tempo - na esperança de que um dia o interesse internacional se desvanecesse por completo. De facto tem sido através de esforços de Portugal, que não se chegou ainda a tal ponto.

Já em finais dos anos oitenta surgiria a ideia de enviar uma comissão parlamentar portuguesa a Timor-Leste, que deveria assim auscultar o ponto geral da situação. Os timorenses colocavam aí grandes esperanças em poder demonstrar ao mundo a sua ânsia de independência. Devido aos enormes perigos, os preparativos para tais manifestações decorriam em segredo.

Depois de um longo interregno diplomático era escolhido o Outono de 1991 como data da visita. No entanto, pouco antes da hora chegar, Jacarta cancelava a visita. Razão para tal constituia a jornalista australiana Jill Jollife. Apta a julgar melhor as transformações, pelo facto de ter vivido em Timor-Leste longo tempo antes da invasão, era nomeada por Portugal para integrar a delegação. O governo indonésio não a aceitava e cancelava por isso a visita. Pouco tempo depois, e de uma forma deveras trágica, o massacre de Santa-Cruz faria as atenções de que Timor-Leste tanto precisava.

Com o governo do Chanceler Federal Helmut Kohl as relações intensificam-se ainda mais. O ministério da Investigação designava a Indonésia como país crucial na cooperação com o Sudeste Asiático. A cooperação incluia para além do sector da tecnologia atómica o do armamento.

Em Novembro de 1992 o exército indonésio prendia finalmente o presidente da Fretilin, Xanana Gusmão, que recentemente foi condenado a prisão perpétua.

Após esta prisão, o exército indonésio iniciava a "operação identidade", durante a qual as casas dos timorenses eram revistas sistematicamente. Quem não tivesse em poder de um Bilhete de Identidade indonésio, era considerado subversivo e era preso.

Só em Díli eram capturadas desta forma pelo exército, cerca de 2.000 pessoas; no resto do país o dobro. Esta derrocada seria sobretudo sentida pelos jovens nas cidades, os quais hoje levam efectivamente a cabo a movimentação de resistência. Apesar de terem crescido no seio da ocupação, e nunca lhes tenha sido possível ter um contacto directo com a Fretilin, rejeitam de todo a integração com o vizinho poderoso. Nem só este desenvolvimento demonstra o fracasso total da política indonésia em Timor-Leste. É sobretudo por conta das potências ocidentais, que têm aceite quase sem excepção esta ocupação, que a Indonésia continua a afirmar-se em Timoe-Leste. O governo federal alemão tem desempenhado um papel particularmente triste. Já durante a era social-liberal o governo Schmidt-Genscher autorizava o fornecimento de dois submarinos à marinha indonésia, que depois poderam ser utilizados no bloqueio de Timor-Leste. Com o governo do Chanceler Federal Helmut Kohl as relações intensificam-se ainda mais. O ministério da Investigação designava a Indonésia como país crucial na cooperação com o Sudeste Asiático. A cooperação incluia para além do sector da tecnologia atómica o do armamento. O ministro indonésio para a investigação e tecnologia, Jesuf Habibie, formado na Alemanha, construia com o apoio alemão uma indústria de armamento independente. Mesmo depois de jorna-listas australianos e potugueses terem provado, que terão sido utilizados pelo exército indonésio em Timor-Leste helicópteros de combate de Messerschnitt-Bölkow-Blohm e Mercedes Unimogs, o governo em Bona não alteraria a sua atitude. Por último exportava para a Indonésia 36 navios de guerra da provisão do exército da Ex-RDA.

Tradução de Margarida Relva